

O ESPELHO

Foi tamanha sua alegria ao receber o presente do noivo que o coração passou a bater-lhe forte e descompassado. Pelo volume da caixa já antevira que se tratava do lindo espelho ovalado, de rica moldura dourada, que vira na loja de antiguidades. Beijou o noivo, agradecida, os olhos marejados de felicidade. “A dona da loja me garantiu que a peça pertenceu a tradicional família da região, ricos fazendeiros de café”, acrescentou ele, dando ao momento ar solene de grande pompa.

Foram então os dois, felizes da vida, afixar o espelho no quarto dela. Ficou tão bem no lugar escolhido que até lhes pareceu que o espaço estava mesmo esperando por ele.

Naquela noite, Lígia nem sequer dormiu direito, pois teve alguns sonhos estranhos dos quais, ao se levantar, não se lembrava direito, apenas lhe vinha à mente linda jovem de tranças escuras. Mas atribuiu tudo à intensa emoção da véspera, na verdade julgava-se a pessoa mais feliz do mundo, há uma época na vida em que se sofre freqüentemente desses encantamentos. De manhã levantou-se preguiçosamente, bocejando e alongando os músculos descansados, e a primeira coisa que fez, ainda que a urgência fosse outra, foi olhar-se no rico espelho ovalado. O susto que teve abalou-a de tal forma que julgou fosse cair: não era sua imagem refletida que via, mas a da formosa rapariga de tranças negras, que até lhe sorria de leve. “Devo estar dormindo ainda”, pensou, esfregando os olhos e até beliscando com força os braços, mal sabia que eventuais manchas escuras poderiam ser mal interpretadas. Mas qual, a moça ainda estava lá, agora lhe sorrindo mais abertamente e parecendo querer dizer alguma coisa. Lígia, então, correu apavorada para o chuveiro, nem se importou que a ducha a princípio estivesse fria e lá ficou por bom tempo, a água depois tépida acalmou-a e acabou por convencê-la de que tudo não passara de mera ilusão causada pelas intensas emoções da véspera. Ao voltar para o quarto ainda teve medo de se mirar no espelho, porém era preciso tirar tudo a limpo, não podia carregar aquele peso o dia todo. Mesmo tremendo, arriscou rápida olhadela e ao ver a própria imagem refletida, acalmou-se de vez. Tudo não passara de mera ilusão, concluiu, há momentos em que só queremos as explicações que nos confortem.

À noite nada disse ao companheiro, fosse ele pensar que estivesse com problemas mentais e acabasse por romper o

compromisso, nunca se sabe o que pode acontecer. Quando subiram ao quarto, percebeu ele os braços trêmulos da noiva, mas só perguntou o que acontecia ao beijá-la e notar que alguma coisa estava errada. “Você não me ama mais?”, indagou. Felizmente o problema se resolveu no momento em que Lígia, ainda nos braços do noivo, viu que não havia nada de anormal com o espelho. Aí, como em passe de mágica, o medo e aparente indiferença transmudaram-se em ardorosa e incontida paixão, como de costume era o amor que ambos viviam. “As mulheres são assim mesmo”, racionalizou o surpreso noivo.

Contudo, a situação agravou-se de vez porque, nas manhãs seguintes, repetiu-se o estranho fenômeno, a mesma donzela de tranças negras sorria-lhe insistentemente e até esboçava dizer alguma coisa. A tensão emocional da pobre moça, que já se julgava doente, foi-se tornando maior a ponto de colocar em risco o relacionamento, sempre tão prazeroso. Decidido a pôr fim àquele estado de incerteza, resolveu o amargurado noivo esclarecer tudo de uma vez por todas e naquela quinta-feira, dia em que normalmente não se encontravam, foi de surpresa à casa da noiva, sendo recebido por uma Lígia alegre, radiante, feliz e faceira, muito diferente daquela dos dias anteriores e que, embora em trajas caseiros e sem os tratos de beleza costumeiros, foi logo se enrodilhando em seu pescoço, beijando-o e dizendo-lhe com indisfarçada emoção: “Sabe, querido, hoje de manhã nossa empregada sem querer esbarrou o cabo da vassoura no espelho que você me deu e quebrou-o em mil pedaços...”

D. Viganó
São Sebastião, julho de 08